

O protagonismo e as práticas pedagógicas dos egressos da Licenciatura em Educação do Campo no contexto do território ribeirinho da Amazônia paraense tocantina¹

The protagonism and pedagogical practices of the graduates of Graduates in Field Education in the context of the river territory of the Paraense Amazon region of Tocantian

Jenijunio dos Santos
Mônica Castagna Molina

Resumo: Tendo como parâmetro as dimensões da formação da Licenciatura em Educação do Campo, averigua-se as práticas dos egressos, da referida Licenciatura, do campus Abaetetuba-Pa, diretamente nos seus locais de atuação. Para efeito das análises buscou-se o aporte epistemológico do Materialismo Histórico Dialético, e como método a Pesquisa Participante e as técnicas Roda de Conversa; aplicação de formulários e realização de entrevistas. Concluiu-se que o Curso de Licenciatura em Educação do Campo de Abaetetuba, na contradição inerente ao movimento da realidade e mediado por uma práxis emancipatória, tem formado educadores que, pela prática pedagógica, produção do conhecimento e engajamento em lutas sociais, está contribuindo com os processos de resistência ao avanço do capital na Amazônia tocantina.

Palavras-chave: Licenciatura em Educação do Campo. Território Ribeirinho. Práticas pedagógicas. Educação do Campo.

Abstract: Taking the dimensions of the proportion formation as a parameter in Field Education – LEdoc, investigate the practices of the graduates, of the referred graduation, from the Abaetetuba-Pa campus, directly in their locations. For analyzes purposes, the epistemological contribution of materialism was sought dialectical history, and as a method participant research and wheel techniques conversation; application of forms and conducting interviews. It was concluded that the Field Education Course of Abaetetuba campus, in contradiction inherent in the movement of reality and mediated by a praxis emancipatory, has trained educators who, through pedagogical practice, production of knowledge and engagement in social struggles, is contributing for the processes of resistance to the advance of capital in the Tocantine Amazon.

Keywords: Graduation in Field Education. River Territory. Pedagogical Practices. Field Education.

Introdução

A heterogeneidade de identidades dos povos que habitam a Amazônia, tem uma relação direta com a complexidade dos ecossistemas nela existentes: a terra firme; a floresta com suas nuances (florestas de terra firme, de várzea, de

¹ Este artigo é parte de uma tese de doutorado sem financiamento.



igapós) e os rios, forjando identidades que vão se constituído na relação de trabalho com a água, a floresta, a terra e a produção decorrente dessa relação.

Entre esses sujeitos destacam-se os ribeirinhos, que têm no trabalho uma dimensão ontológica, pois é por meio dele que vão se constituindo suas identidades e culturas. Pela produção, eles vão criando e recriando a sua própria vida, satisfazendo suas necessidades e lutando para terem sempre as condições de produzir a própria vida material.

No entanto, a região amazônica sempre esteve no centro dos interesses dos exploradores dos recursos naturais, desde a chegada dos primeiros europeus na região, até os dias atuais, com o avanço do capital sobre todo o território. O cenário atual da “comercialização” da Amazônia se dá pelo agronegócio (OLIVEIRA, 2012), hidronegócio (COSME, 2017), mineralnegócio (MICHELOTTI, 2019), e todas as suas interfaces, o que, em suma, são projetos de “entrega” da Amazônia para o capital internacional. O impacto disso é a destruição da floresta e a morte dos povos que nela vivem, assim como de toda a biodiversidade.

O agronegócio representa hoje um profundo processo de mudança na lógica do capital de acumular recursos na agricultura. Nessa lógica hegemônica de organizar a agricultura, a partir das monoculturas e da transformação dos alimentos em commodities, é necessário acumular cada vez maiores extensões de terra, o que provoca um intenso processo de desterritorialização dos sujeitos camponeses (OLIVEIRA, 2012).

Os desafios dos educadores que atuam nessa região e que têm a educação como prática da liberdade (FREIRE, 2011) e compromisso com a causa dos povos da Amazônia são imensos. É nesse contexto que a Educação do Campo no território ribeirinho tem buscado contribuir para o fortalecimento da identidade dos sujeitos que nele residem, tornando-se uma aliada dos movimentos sociais (Montano e Duriguetto, 2011) que enfrentam cotidianamente o poder dos grupos capitalistas que avançam sobre esse território, provocando todo tipo de conflito.

Por isso a escola do campo, pensada como parte de um projeto maior de educação da classe trabalhadora, se propõe a construir uma prática educativa que efetivamente fortaleça os



camponeses para as lutas principais, no bojo da constituição histórica dos movimentos de resistência à expansão capitalista em seus territórios (MOLINA; SÁ, 2012, p. 325).

Nessa assertiva, entende-se que a Escola do Campo se propõe a ser uma alternativa para os sujeitos do campo, antagônica à escola hegemonicamente burguesa, urbana e que serve à conformidade das classes trabalhadoras aos projetos capitalistas. Essa concepção de escola exige a construção de caminhos para a transformação da forma escolar atual (CALDART, 2011, 2017) que, entre outras coisas, passem pelo currículo e suas matrizes formativas e organização pedagógica e por professores formados pela Epistemologia da Práxis (BITTENCOURT BRITO, 2017).

A Formação de Educadores do campo, através das LEdoCs, teve sua experiência inicial no ano de 2007. Esse curso se expandiu por meio do Programa de Apoio à Formação Superior em Licenciatura em Educação do Campo (PROCAMPO)² e atualmente forma educadores que possam trabalhar nos diversos territórios que compõe o campo, entre eles o território ribeirinho. (MOLINA; SÁ, 2011).

O curso de Licenciatura em Educação do Campo tem como objetivo formar educadores para atuar nos anos finais do ensino fundamental e médio em três dimensões: a docência por área de conhecimento, a gestão de processos educativos escolares e a gestão de processos educativos (MOLINA; SÁ, 2012, p. 468). Essas três dimensões possibilitam a formação que vai além da docência, o que faz dos sujeitos dessa formação serem reconhecidos como educadores, pois sua ação educativa é para além da sala de aula.

Nessa perspectiva as dimensões formativas da Licenciatura em Educação do Campo deverão responder as necessidades do educador que atua com populações ribeirinhas, nos aspectos pedagógicos e de entendimento do contexto político, social, cultural e econômico que essa população vive, pois,

² O PROCAMPO foi constituído a partir das reivindicações da II Conferência Nacional por uma Educação do Campo, articulado por intermédio da Secadi, que convocou as instituições públicas para apresentarem projetos de Cursos de Licenciatura em Educação do Campo. O Programa implantou um projeto piloto em quatro Universidades: Universidade de Brasília (UnB); Universidade Federal da Bahia (UFBA); Universidade Federal de Sergipe (UFS) e Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG).



somente a partir desse entendimento da realidade local ele poderá contextualizar a sua ação pedagógica numa perspectiva contra-hegemônica ao capital que historicamente tem feito da escola um espaço importantíssimo para manter a lógica de dominação e exclusão (FREITAS, 1995).

No município de Abaetetuba, no Pará, há um campus da Universidade Federal do Pará - UFPA³, denominado Campus do Baixo Tocantins, onde está instalada a Faculdade de Formação e Desenvolvimento do Campo (FADECAM), composta pelos cursos de Licenciatura em Educação do Campo e o Curso de Tecnologia em Agroecologia e Pós Graduações.

A primeira turma do curso de Licenciatura em Educação do Campo, do campus de Abaetetuba, ingressou em 2011, sendo que até 2019 já foram formados aproximadamente 300 educadores qualificados para trabalhar nas escolas do campo na região do Baixo Tocantins, na perspectiva de responder as demandas dos sujeitos que vivem nos territórios do campo, da floresta e dos rios da Amazônia paraense tocantina.

O que segue são relatos e reflexões a partir do material recolhido com os egressos desse curso (atas de ações, fotografias, entrevistas) ou das inserções feitas nas comunidades junto àqueles que exercem as funções de docente e de gestor escolar, buscando identificar as contribuições da Licenciatura em Educação do Campo para o fortalecimento do território ribeirinho e a luta contra o avanço do capital nesse território.

As práticas dos egressos na docência e na gestão dos processos educativos escolares

As práticas dos egressos, aqui apresentadas, foram sistematizadas a partir de uma intensa convivência com eles diretamente no lócus de sua ação, nas escolas e comunidades em que desempenham suas funções de docentes e de gestores escolares. Esse acompanhamento aconteceu em duas comunidades distintas: uma na Ilha do Rio Maúba e outra no Rio Abaeté. Foram acompanhados 03 egressos na docência e 01 na gestão escolar.

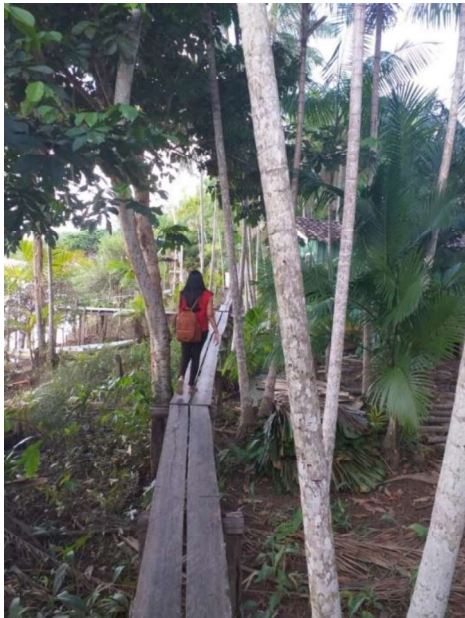
3 <http://www.ufpa.br/cubt/index.php/historico>.



Uma dessas escolas está localizada na Ilha do Rio Maúba, uma das 72 ilhas que compõe a região insular do município de Abaetetuba. Esta escola está distante da sede do município cerca de 35,82 km, sendo que o tempo da viagem é em torno de 03h (três horas) de barco “Freteiro⁴” até chegar à Comunidade de Nossa Senhora do Perpétuo Socorro, que fica localizada às margens do rio. Nessa comunidade, encontra-se a Escola Municipal de Ensino Fundamental Nossa Sra. do Perpétuo Socorro.

De acordo com as informações desses egressos, a comunidade tem cerca de 250 famílias, cujos membros vivem e trabalham sobretudo como extrativistas vegetais, principalmente do açaí, ou são pequenos comerciantes, servidores públicos, e pescadores artesanais de peixe e camarão. Vale destacar que com o avanço da pesca predatória, o peixe foi sumindo, e hoje, na comunidade, a pesca é somente para o próprio consumo.

A comunidade é composta por casas feitas em madeira, em alvenaria e mistas (alvenaria e madeira) enfileiradas nas margens do Rio Maúba. Como é uma ilha de várzea, não há estrada de terra firme, e o que liga as casas por onde as pessoas andam é uma grande “ponte” feita com duas linhas de tábuas contínua interligando as casas, como ilustrada pela foto a seguir.



Fonte: Dos Santos, 2019 (Acervo da pesquisa)

⁴ O “freteiro” é um barco de transporte coletivo, que faz fretes para as comunidades ribeirinhas de Abaetetuba.

Essa ponte liga os dois lados da Comunidade ao centro onde encontra-se um complexo de construções composto pela igreja, dedicada à Nossa Sra. do Perpétuo Socorro, o barracão da Santa, que serve para as reuniões da comunidade e os eventos sociais, tais como aniversários e festas em geral, e as instalações da unidade escolar em estudo.

A Escola Municipal de Ensino Fundamental Nossa Senhora do Perpétuo Socorro conta com uma estrutura física composta por 06 salas de aulas, uma secretaria, uma cozinha, um depósito de merenda e dois banheiros. Seu funcionamento em dois turnos (manhã e tarde) contou em 2019 com 307 estudantes, sendo 112 da Educação Infantil e dos anos iniciais do Ensino Fundamental, ligados à Rede Municipal de ensino, e 195 estudantes dos anos finais do ensino fundamental, que são atendidos em 07 (sete) turmas ligadas ao Sistema Modular de Ensino (SOME⁵) da Rede Estadual. A Escola possui o seguinte quadro de servidores: 01 diretora, 07 professores, 02 vigias, 04 serventes, 04 rabeteiros⁶.

A outra escola acompanhada foi a Escola Municipal de Educação Infantil e Ensino Fundamental 15 de Agosto, localizada na comunidade do Rio Abaeté, distante do centro da cidade em torno de 00:15h de barco. A comunidade é composta por 108 famílias, que vivem do extrativismo, da pesca, do comércio ou do funcionalismo público na saúde e educação.

Esta escola atende 60 alunos no turno matutino, dividido em Educação Infantil e nos 05 (cinco) anos iniciais do Ensino Fundamental e é toda construída em alvenaria. Por sua vez, sua composição é feita por uma sala de diretoria, cozinha, 04 banheiros dentro do prédio, uma secretaria, refeitório, depósito de merenda e 4 salas de aulas. Estas estão com piso de lajota e ventiladores, sendo uma destinada à educação infantil e três ao ensino fundamental.

⁵ Esse sistema de ensino é gerenciado pela Rede Estadual de Educação em Parceria com os municípios e tem como objetivo levar a escolarização dos anos finais do Ensino Fundamental e do Ensino Médio para as populações do Campo, nos seus territórios. Quanto à logística, o Estado assume os professores, que ganham diferenciadamente dos demais da Rede, enquanto o município entra com a estrutura de alojamento para os professores e espaço físico para as aulas, que nem sempre é na escola.

⁶ Rabeiteiro é como são chamados os trabalhadores que conduzem os barcos escolares. O nome deriva de outro tipo de embarcações a “rabeta”. Quem conduz a rabeta é o rabeiteiro.



É nesse contexto escolar e comunitário que foi feito o acompanhamento dos egressos da Licenciatura em Educação do Campo de Abaetetuba, no desenvolvimento de suas ações na gestão e na docência, entre temores, desafios, incertezas e muito desejo de estarem fazendo a diferença no trabalho, como expressa a gestora de uma das escolas:

Eu tenho só quatro meses na gestão da escola, aqui eu estou vivendo um choque de realidade, pois embora eu tenha me interessado pela gestão ainda quando eu estava na graduação, durante uma disciplina de gestão e coordenação, inclusive minha monografia na conclusão do curso foi sobre a gestão no SOME, mas quando chega na realidade da escola são muitos desafios. Vejo que pelo fato de não termos um PPP, tudo está descontextualizado, e entendo que para a transformação da escola temos que ter a cara da Educação do Campo nela, seus princípios... Há uma ideia na comunidade de que a escola perfeita é a da cidade. Não! Não tem escola perfeita! Mas temos que trazer o que tem de bom na escola da cidade para a nossa, mas numa realidade contextualizada. Já conseguimos a internet, penso que nossos educandos têm que ter direito a esses recursos. Hoje, eles e toda a comunidade vem aqui fazer pesquisas, usam a minha sala, minha não, é deles, pois o computador fica na sala da direção e eu tenho que acompanhar as outras realidades da escola. Tem muita coisa a ser feita, porém a burocracia da escola consome meu tempo. Mas irei encontrar ainda o caminho para superar esse desafio (EGRESSA 1, 2019).

Esse desejo de mudança passa pelo entendimento de que a escola não está conectada com a realidade da comunidade, sendo que é necessária, na visão da Egressa, uma transformação da forma escolar que passe pela construção de um Projeto Político Pedagógico capaz de dar uma identidade à Escola do Campo. A egressa não romantiza a realidade e enfatiza que “não há escola perfeita”, percebendo que não basta o PPP para essa transformação da escola naquela que ela entende como Escola do Campo. Esta postura corrobora com o pensamento de que

A tarefa social que está posta ao curso é a de preparação de educadores para uma escola que ainda não existe, no duplo sentido, de que ainda precisa ser conquistada e ampliada quantitativamente no campo, e de que se trata de construir uma nova referência de escola pra as famílias e comunidades que organizam sua vida em torno dos processos de trabalho/produção camponesa (CALDART, 2011, p. 127).



Ao fazer as entrevistas e acompanhar as outras atividades da gestora, percebia-se a movimentação de pessoas da comunidade na escola para fazer pesquisas via internet ou mesmo para tirar algumas dúvidas sobre a reunião que iria haver no outro dia sobre o início da construção do Projeto Político Pedagógico.

A burocracia existente na organização educacional escolar é algo que ela sente como prejudicial à atividade de coordenação do Projeto Político Pedagógico e ao desenvolvimento das ações pedagógicas como um todo. De fato, são ofícios a serem feitos, levantamentos de dados solicitados pela Secretaria de Educação, reuniões externas que duram até três dias, tendo em vista que um dia destina-se à viagem, outro à reunião e o seguinte ao retorno à comunidade.

Essa é uma realidade da maioria das escolas do campo, o que não é diferente das demais escolas que estão em territórios ribeirinhos, pois, em muitos casos, essas gestoras também são as secretárias das escolas, as coordenadoras pedagógicas e até mesmo as merendeiras. Quando é preciso deslocarem-se para a sede do município para as reuniões, a situação complica-se mais ainda, devido às grandes distâncias que os fazem se ausentar da escola, como o ocorrido com a gestora.

Após passar por todas as salas para ver como estava ocorrendo às aulas, ela se dirigiu para a casa, onde acontecem as aulas de uma das turmas do Sistema de Organização Modular de Ensino (SOME). Das 07 turmas do SOME nessa escola, uma acontece na sala de uma casa da comunidade que foi alugada. Enquanto a família vive sua vida rotineira nos outros cômodos, na sala está acontecendo a aula de ciências no momento que em que foi feita a pesquisa.

Ela entra na sala e conversa com os alunos, com a professora de Ciências, que já foi professora dela quando estudante do SOME. Em seguida, escuta as demandas da professora e dos estudantes e diz que está indo para a Sede do Município em breve e conversará sobre suas demandas na Unidade Regional de Educação (URE).



Durante a visita, percebeu-se que a gestora cuida bem dessas turmas do SOME, mesmo não sendo da sua competência pois ela é Diretora da escola da rede municipal que cede as salas para a realização das aulas do referido sistema de ensino, que é da competência da rede estadual. Sobre esse envolvimento com o SOME ela enfatiza:

Eu não sou funcionária do Estado, sou da prefeitura, no entanto eu não posso deixar de dar apoio a esses professores do SOME, que são do Estado. Não ganho para fazer esse trabalho extra, mas é questão de envolvimento com a comunidade, a turma é composta por educandos da comunidade, se quero que ela...a comunidade tenha mais envolvimento com a escola, pois nela tem que ter a participação de todos, por isso eu já tenho quase a participação de todos da comunidade na escola, você vai ver amanhã no Estudo sobre o PPP. Entendo que a escola é de todos, eu não posso chegar aqui querendo mudar tudo, ou mudar tudo sozinha. Quando eu cheguei aqui, havia um conflito entre a escola e a comunidade, e como tenho feito para amenizar essa situação? Fico às vezes pensando... pensando no Princípio da Gestão Democrática... ela para existir tem que ser participativa. Então chamo todos. Tem um moço na comunidade que tem a maior experiência em organização da comunidade, sempre estou consultado ele. Pergunto aos professores... o pessoal da limpeza... os rabeteiros... Às vezes tem gente que não entende e pensa que não tenho segurança no trabalho que faço. Não é isso, é que quero construir uma escola de todos (EGRESSA 1, 2019).

Diante do exposto, percebe-se que a comunidade tem uma importância no seu pensar escola, pois ela entende que é com o envolvimento da comunidade na escola que vai ser possível uma mudança na realidade escolar, zelando-se, assim, pelo princípio da gestão democrática. Não há Escola do Campo sem gestão democrática, sem a participação da comunidade e dos sujeitos coletivos na gestão da escola, pois o princípio da participação está na gênese da Educação do Campo.

A Educação do Campo foi criada por sujeitos coletivos que são parte da classe trabalhadora do campo. Sujeitos de diferentes lutas sociais que se associam com a finalidade de organizar uma luta comum: a luta do povo que vive e trabalha no campo pelo acesso à educação pública, o qual historicamente lhes tem sido negado. Essa luta começa por garantir escolas públicas no campo, e que possam se construir como escolas do campo (CALDART, 2019, p. 59)



É nessa perspectiva que a gestora pensa em um Projeto Político Pedagógico específico para a realidade da escola discutido com toda a comunidade. Nesse contexto, ela organizou ou estudo para iniciar a construção desse documento, algo que já vinha sendo discutindo com a comunidade, especialmente no que tange à sua importância na construção da identidade da escola.

A preparação para esse estudo começou na tarde anterior ao dia marcado, quando a gestora, em uma “rabeta” conduzida pelo irmão dela, levou vários instrumentos de trabalho da casa para a escola. Eram matapi, puçar⁷, rede de pescar, mudas de açaí, entre outros, que iriam ser usados na mística⁸. No outro dia, muito cedo, ela já estava na escola para acolher os participantes que se fizeram bem representar. Estavam presentes todos os professores, a equipe da limpeza, da merenda, assim como os rabeteiros e representantes da comunidade. Uma vez sentida a falta da representação dos educandos, ela enfatizou que deveria ter chamado alguns que moravam nas proximidades da escola.

Ela participou de todo o processo do evento, seja na organização, na execução e na avaliação. Durante a mística, que envolveu todos, ela cantou enquanto outro egresso tocava. Esse envolvimento em todas as etapas desse encontro de estudo reafirmava, de certa forma, um discurso que ela havia feito sobre o exemplo que procura dar a sua equipe.

Procuro não cobrar as pessoas algo que eu antes não tenho feito. Que moral eu tenho para cobrar alguém sobre alguma coisa se eu mesma não faço. É assim... eu chego sempre no meu horário, procuro não faltar, eu tenho que ser frequente. Eu tenho vergonha de cobrar algo que não consigo fazer. Então, eu não falto, assino meu ponto, e quando preciso falar com alguém sobre isso, eles me escutam, pois sabem que estou cobrando algo que faço (EGRESSA 1, 2019).

⁷ Matapi e puçar são instrumentos de pesca de camarão e peixe.

⁸ A mística está nas religiões, nos encontros de grupos, nos movimentos políticos e sociais e tem um lugar importante no currículo da Licenciatura em Educação do Campo. É o ato de manifestar através da arte, do canto, da dança, da poesia e da plasticidade, todo o poder transformador e encorajador daqueles e aquelas que lutam, sonham e buscam motivações para a caminhada e resistência.



Essa coerência buscada no desenvolvimento do trabalho no que tange à relação entre o que se diz e que se faz constitui um diferencial em sua prática, que em certa medida vai ao encontro de um dos elementos de transformação da forma escolar enumerado por Caldart (2015, p. 118) que é a relação entre teoria e prática.

No âmbito da prática dos egressos que estão atuando na docência, percebemos um empenho em fazer um trabalho que tenha sentido para os educandos, contextualizado. O efeito disso pode ser visto na aula desenvolvida por um egresso da Licenciatura em Educação do Campo de Abaetetuba que atua em uma turma de Educação de Jovens e Adultos - EJA.

A turma em questão é composta por 07 (sete) alunos adultos, na faixa etária de 40 a 50 anos, alguns na alfabetização e outros no 2º e 5º ano – realidade bastante desafiadora para quem é formado para trabalhar com os anos finais do ensino fundamental e ensino médio com ênfase em Ciências da Natureza, como ele mesmo relata.

Uma das dificuldades maior que tenho encontrado é o fato de trabalhar com alunos que estão diferentes anos escolares. São 05 anos diferentes em uma turma. Aí eu tenho que fazer planos de aula diferenciados, pois tenho que dar sentido pra eles determinados conteúdos e para isso tenho que levar em consideração a vivência do aluno e isso não é fácil. Tenho que levar ele a ter interesse pelo assunto. E eu nunca imaginava trabalhar com esses alunos, até porque a maioria é da alfabetização, e eu não fui preparado para trabalhar na alfabetização. Mas tá sendo bem legal essa experiência, mesmo com todas as minhas dificuldades, por conta de que eles têm muita vivência, eles têm mais de trinta anos. Na primeira aula, eu disse: nós estamos aqui para trocar conhecimento. Trocar conhecimento do que está no livro e com a vida de vocês (EGRESSO 2, 2019).

Esse esforço em superar essas dificuldades particulares do educador e o desejo de dar sentido aos conteúdos trabalhados foi expresso durante o desenvolvimento da aula que foi acompanhada com muita atenção pelos estudantes.

A aula tinha como tema o Boto e foi trabalhada na perspectiva do respeito ao meio ambiente e da importância que todos os elementos e animais tem para o equilíbrio da natureza. O interessante é que a abordagem que ele usou na sala



de aula foi bem diferente daquela usada em relação ao boto pelo folclore. Embora depois ele apresente uma paródia que traz esses elementos folclóricos, a discussão anterior foi sobre sua importância para o equilíbrio da reprodução dos peixes.

A aula começou com uma atividade de cópia do quadro, que continha uma paródia de autoria do educador. Em seguida, houve a leitura do texto copiado do quadro e uma conversa sobre a letra, com abertura para as impressões de cada um. Alguns se reportaram ao folclore, outros sobre a pesca predatória desses animais para uso em simpatias. Depois que todos problematizaram o tema, ele pegou o violão e começaram a cantar a paródia, sendo esse um momento em que os educandos timidamente também cantaram.

Ainda retomando a fala anterior do egresso, na qual ele diz que nunca havia pensado em trabalhar com a alfabetização, chama atenção a realidade identificada nesse grupo: o fato de não estarem atuando nas áreas de sua formação ou etapas da educação adequadas. Como o curso ainda não é plenamente reconhecido pela rede pública de ensino municipal de Abaetetuba e nem pela do Estado do Pará⁹, os egressos não conseguem fazer concurso específico que tenha paridade com sua formação. Assim, a entrada na docência acontece a partir da indicação de um político (geralmente vereador), que lhes facilita a contratação para lecionarem na educação infantil, nos anos iniciais do ensino fundamental e na EJA – etapas administradas pelo município, sobre a qual se tem influência.

Retomando a questão das práticas dos egressos, acompanhamos o dia de trabalho de mais dois que estavam exercendo a docência. Era 07h da manhã de um dia muito chuvoso, e a professora estava na frente da escola esperando os estudantes. Ela recebia cada um com abraços e ia mandando entrar na sala de aula, composta por crianças de 04 e 05 anos. Havia “varais” com a produção das crianças, que apresentava conteúdos da realidade do campo e também da cidade, como meios de transportes – barcos, canoas (transportes ribeirinhos) e carros, bicicletas, aviões, próprios de outras realidades. Percebia-se, pelo fato

⁹ O município de São João do Araguaia (Pará) abriu edital em 2020 com concurso para egressos das LEdoC. Há também registros de editais com concursos para esses egressos nos Estados de Santa Catarina, Paraná e Paraíba.



das figuras não estarem dispostas aleatoriamente, que a professora fazia uma relação do conhecimento local com o global.

No início da aula, ela ponderou que muitos estudantes haviam faltado devido à forte chuva e distribuiu cartelas com os nomes deles para que colocassem no quadro de presença. Depois, enquanto ela olhava as atividades que havia passado para os maiores fazerem em casa, ela distribuiu folhas de papel para que as crianças desenhasssem como estava o tempo naquele dia.

Ao término da aula, ela disse que devido à chuva, não havia muitas possibilidades de outras metodologias como ela gosta de fazer, principalmente aquelas fora as salas como a que foi desenvolvida para trabalhar a lateralidade. Uma aula que foi bem significativa, pois segundo ela, as crianças foram levadas para o pátio da escola para aprender o lado direito e o lado esquerdo a partir do movimento da cheia e da vazante da maré, um fenômeno que desde cedo as crianças ribeirinhas conhecem, e nesse caso bem antes da lateralidade.

Embora tenha sido essa a experiência relatada pela professora (de uma aula passada) a qual foi plena de movimento do corpo numa relação com a natureza e o ambiente local, a aula acompanhada naquele dia não teve muita ludicidade (algo que é inerente ao aprendizado na Educação Infantil) e isso pode ser interpretado a partir de incompatibilidades da formação, como a própria egressa relata.

Parece que eu vivia um sonho, que era o de me formar na Licenciatura para contribuir com o meu lugar. Pois vejo que no SOME, muitos professores estão lá só pelo dinheiro, não tem um envolvimento com nossa vida. As vezes os nossos professores diziam que nós iríamos assumir o nosso lugar, pois quem tem que estar no campo, no território ribeirinho somos nós... Mas eu me formei e não vi nada disso. A gente sai com muita vontade de trabalhar, sabe! Mas a realidade é outra. Logo que eu me formei fiquei 01 (um) ano desempregada, sem nada. E hoje estou não no que me formei, mas no que é necessário pra minha comunidade. Se a necessidade é para a Educação Infantil, estou aqui. Já são três anos que trabalho na Educação Infantil. Um dia eu li que o mundo não é dos fortes, mas daqueles que conseguem se adaptar. Tenho que fazer valer a pena onde estou (EGRESSA 3, 2019).

O relato mostra como a professora sente falta de uma formação mais específica para trabalhar com a Educação Infantil e como, ao falar do SOME, ela



reconhece que o seu “lugar” não é ali, pois sonhava em ser professora dos anos finais do Ensino Fundamental e do Ensino Médio, mas, depois de uma forma resignada, diz que tem que fazer valer a pena onde ela está. Esta tem sido a realidade da maioria dos que estão no exercício da docência.

Ainda nessa escola, foi encontrado outro egresso no exercício do magistério mas com atuação fora da sua formação Licenciatura em Ciências da Naturas , pois trabalhava na educação geral com os educandos de uma turma multisseriada com educandos do 3º, 4º e 5º. A aula, que era de matemática, estava bem dinâmica, e o professor dividiu em três grupos para a atividade. Dois deles, a partir de jogos, iam realizando de forma coletiva a resolução dos problemas que lhes eram apresentados, enquanto olhava as atividades nos cadernos do terceiro grupo.

Essa metodologia, além de ajudar na formação para o coletivo, também facilita o atendimento do professor quanto aos diversos educandos que recebem nas turmas multisseriadas, uma vez que precisam suprir as demandas de todos os educandos, que estão em diferentes níveis de aprendizagem, sendo, pois, um desafio ao exercício da docência.

Ao término da aula, o professor ficou esperando outros funcionários da escola que iriam pegar o mesmo barco e aproveitou para socializar outras experiências que fez com a turma, como a destacada no relato a seguir.

É muito importante para a identidade deles, que a escola trabalhe com a agroecologia. Nesse sentido eu tenho trabalhado com eles a compostagem, o adubo orgânico a partir das folhas, com caroço de açaí, eu tenho tudo isso ali atrás. Temos também mudas de plantas. Fizemos um projeto do minhocário com eles, tudo isso para ir influenciando a sua relação com o nosso ambiente, no respeito com a natureza e fortalecendo suas identidades (EGRESSO 4, 2019).

Esse relato mostra o quanto a formação na Licenciatura com os conceitos da agroecologia e relação com os elementos do campo foi importante e influenciou nas práticas do professor. Ainda que ele não esteja trabalhando no âmbito de sua formação específica, consegue dialogar com os educandos a partir dos conteúdos de sua formação e da realidade que circunda o campo. De



fato a agroecologia perpassa todo o currículo da Licenciatura da Educação do campo por entender que

Na agroecologia , o diálogo de saberes é importante, pois ela pressupõe uma nova forma de se relacionar com a natureza, com a sociedade e com todas as inter-relações culturais existentes em uma trama de conexões. Pra tal, a agroecologia diz respeito também às “novas” estratégias de produção do conhecimento, ensino e aprendizagem, porque é necessária a busca de outros caminho, que não os hegemonicamente constituídos, para o ato de aprender e ensinar (CARDOSO, 2019, p. 137).

De fato, mesmo diante das dificuldades que tem encontrado para inserir-se nas escolas para lecionar nas suas áreas específicas de formação, esse profissional se percebem com um conhecimento diferenciado em suas práticas pedagógicas e entendem que a Licenciatura em Educação do Campo lhes proporcionou uma compreensão mais ampla da realidade.

Eu me vejo uma profissional diferenciada, tem um olhar mais amplo. A tecnologia pra mim, é para além do computador, televisão... e nas minhas aulas eu trago, o remo, a canoa, múltiplas tecnologias, que também são de ensino e aprendizagem, é a minha prática. O cotidiano dos meus alunos estão cheios de tecnologias (EGRESSA 3, 2019).

Diante do exposto, a professora entende ainda que a comunidade é detentora de uma tecnologia diferenciada, fruto da sua relação com a natureza e do trabalho dos sujeitos. E ela busca trabalhar com essas tecnologias no sentido de valorizar seus saberes e fortalecer a identidade desses sujeitos, ampliando o olhar sobre a própria tecnologia.

Essas práticas aqui apresentadas, sejam da gestão dos processos educativos, sejam no âmbito da docência, apresentam sinais de que esses egressos têm uma concepção diferenciada de educação, e qual a educação que eles querem para o campo. No entanto, as condições materiais que se apresentam, como o trabalho precarizado em forma de contrato e estarem exercendo a docência em outros níveis de escolarização para os quais não foram preparados, tornam-se mais desafiadoras ainda.

As prática dos egressos na gestão dos processos comunitários



O licenciado em Educação do Campo tem uma característica intrínseca a sua própria condição de sujeito do campo: envolver-se com a comunidade de origem. Essa dimensão da formação desse educador, é uma necessidade apresentada pelos próprios movimentos sociais do campo e que a Licenciatura em Educação do Campo busca responder a partir de um currículo vinculado com os processos de vida dos sujeitos e das comunidades.

Este perfil de educador do campo que os movimentos demandam exige uma compreensão ampliada de seu papel, uma compreensão da educação como prática social, da necessária inter-relação do conhecimento, da construção de novas possibilidades de vida e permanência nesses territórios pelas lutas coletivas dos sujeitos do campo; pretende-se formar educadores capazes de promover profunda articulação entre escola e comunidade (MOLINA; SÁ, 2012, p.468).

O que segue nesse item são os registros de como os egressos têm colocado em prática nas comunidades os conhecimentos teórico-práticos que adquiriram durante a formação. De certa forma, essas ações são uma devolutiva que o curso oferece às comunidades que referendaram os candidatos.

Os egressos da Licenciatura em Educação do Campo do Campus de Abaetetuba, também tem um envolvimento com suas comunidades. São coordenadores de associações, secretários de centro comunitário, coordenadores de pastorais na comunidade católica, coordenadores dos projetos de assentamento agroextrativista, membros de sindicatos, de movimentos sociais, partidos políticos, entre outras organizações sociais.

No contexto do território ribeirinho a comunidade é uma referencia da organização política e administrativa pela qual os ribeirinhos fortalecem seus laços familiares, sua identidade e buscam catalisam os serviços públicos para a resolução das suas necessidades.

Nessa perspectiva, 'a comunidade' é base para a formulação de demanda de um espaço público legitimado para os investimentos dos serviços municipais. Além disso, o termo 'comunidade' designa um grupo de lealdades primordiais, preferentemente com reconhecimento oficial, pelo registro da fundação de uma associação em cartório: equivale então à unidade associativa, base de gestão de ações políticas (NEVES, 2009, p.72).



É se reconhecendo orgânico a uma comunidade que os egressos quando ingressaram no curso já tinham um envolvimento com os Movimentos Sociais, sindicatos e com a própria comunidade. Os que não tinham sentiram a necessidade de participar envolver-se nas lutas de sua comunidade, por entenderem essa relação da Educação do Campo com a organização social, de um modo geral.

Quando eu fui fazer minha entrevista, eu disse que queria fazer a Licenciatura para melhor contribuir com a minha comunidade. Esse meu desejo me fazia ver que eu poderia contribuir muito mais com a minha comunidade fazendo a Licenciatura da Educação do Campo, pois ela trabalha a questão da identidade, tem envolvimento com os Movimentos Sociais, com as questões sociais; e isso me fez ter um amor muito grande pela Educação do Campo. Hoje eu posso dizer que a Educação do Campo não é só uma perspectiva; ela é de fato um desenvolvimento. Essa palavra parece ser pretenciosa, mas ela é um desenvolvimento, porque ela vem ensinar todo o processo histórico, a luta dos Movimentos Sociais, a fazer um processo de resistência de fato. Quando defendemos a Educação do Campo defendemos um projeto de direito dos povos do campo... Só a Educação do Campo ensina a luta, a resistência (EGRESSO 5, 2018).

Essa fala do Egresso foi colhida durante a inserção com ele no I Seminário de Educação do Campo e Resistência dos Povos e Comunidades Tradicionais de Abaetetuba - PA, em novembro de 2018 (MAB AMAZÔNIA,2018_) e mostra o quanto o curso foi fundante para fortalecer o desejo inicial dele, que era de melhor contribuir com a comunidade. De fato, ele hoje desenvolve funções fundamentais em seu território, além de ser uma referência do engajamento da juventude nos Movimentos Sociais. Atualmente, ele é o coordenador da Associação de Moradores das Ilhas de Abaetetuba (AMIA) e Coordenador da Pastoral da Juventude (PJ).

Ao longo de 2019, esse Egresso conseguiu fazer várias ações, entre as quais uma que ele estima ser muito importante: conseguir otimizar várias ações entre a PJ e a AMIA ,enquanto coordenador das duas instituições, no sentido de fortalecer o território ribeirinho.



Entre essas ações ele destaca as visitas a várias comunidades que estão para ser impactadas negativamente pelo porto que a CARGILL¹⁰ está em processo de implantação na região, além de reuniões diversas para planejar ações de resistência em defesa da vida, junto com outras entidades e movimentos sociais. Reflexo disso, a paróquia das ilhas, o MORIVA- Movimento dos Ribeirinhos e ribeirinhas das ilhas e Várzeas de Abaetetuba, a Colônia dos Pescadores Z14 protocolaram ofícios de todas as entidades para adiar a audiência pública da CARGILL.

Vale destacar que na Pastoral da Juventude (PJ) foram desenvolvidas pelo egresso, várias atividades e encontros com o objetivo de envolver os jovens nas questões relacionadas com a sociedade, com a ecologia e na defesa do território e contra os grandes empreendimentos. Ele esteve assessorando a roda de conversa com jovens na Semana da Criança de 2019, que teve como tema "territórios livres, criança protegida". E como última ação destaca-se a Missão Jovem Paroquial realizada em 06 (seis) comunidades da paróquia com o tema: "Juventude ribeirinha e quilombola, guardiã da Casa Comum", ocasião na qual se discutiu a ecologia integral e a Terra como lugar que deve ser cuidado e protegido por todos.

Lembrando a fala do Egresso quando diz que pretendia entrar na Licenciatura da Educação do Campo para melhor ajudar a comunidade, percebe-se pelas ações que ele conseguiu seus objetivos. As ações também apresentam um forte envolvimento com as questões macro, como a luta contra os grandes projetos capitalistas que estão na pauta da resistência, como o Terminal Portuário de Uso Privado da CARGILL, que pode trazer grandes impactos às comunidades ribeirinhas.

¹⁰ Abaetetuba-PA está na rota do Agronegócio e Hidronegócio (na Amazônia é mais claro o quanto esses projetos são complementares), pois está em curso o avanço do projeto de construção da Hidrovia Tocantins-Araguaia e um terminal portuário de uso privado da Cargill Agrícola na ilha do Capim. Segundo o Relatório de Impacto Ambiental (RIMA, 2017) do empreendimento, o Terminal Portuário de Uso Privado (TUP) de Abaetetuba é um empreendimento portuário de acesso total através de rios que receberá cargas de grãos (principalmente milho e soja) da região Centro-Oeste do País, especialmente dos estados do Pará, Maranhão, Piauí, Tocantins, Rondônia e Mato Grosso. A rota será pelo rio Amazonas e seus afluentes Tapajós, Tocantins e Madeira, o que permitirá a exportação e o transbordo de cargas em todo este circuito.



Estas ações estão em profunda sintonia com o currículo da Licenciatura que pensa formar um educador capaz de pensar os processos educativos e de reprodução da vida para além da escolarização e capaz de intervir positivamente na resolução dos problemas da comunidade.

Na execução desta licenciatura deve-se partir da compreensão da necessária vinculação da educação do Campo com o mundo da vida dos sujeitos envolvidos nos processos formativos. O processo de reprodução social destes sujeitos de suas famílias – ou seja, suas condições de vida, trabalho e cultura não podem ser subsumidos numa visão de educação que se reduza a escolarização (MOLINA; SÁ, 2012, p. 467).

Esse compromisso com sua classe social e com o território se reverbera ainda, em várias frentes, como na liderança dos Projetos de Assentamentos Extrativistas, nos Sindicatos, nos Movimentos Sociais em geral, nos partidos políticos e nos diferentes conselhos, como o Conselho Tutelar. Nesse contexto, entende-se que a formação teórica não está desvinculada da prática social e política, o que faz da Licenciatura em Educação do Campo uma grande referência para a resistência dos sujeitos do campo, da floresta e das águas.

A Formação de Intelectuais comprometidos organicamente com o território ribeirinho: uma dimensão da formação revelada pela pesquisa

Os Cursos de Licenciatura em Educação do Campo, tem formado um grupo de intelectuais comprometidos com o seu território no sentido de produzir conhecimentos que sejam capazes de contribuir para as estratégias de fortalecimento e de resistência dos territórios frente ao avanço do capitalismo, sendo essa outra dimensão curricular que tem se apresentado no percurso do movimento da história.

Essa dimensão também se apresenta no curso de Abaetetuba, pois os egressos têm conseguido entrar nos cursos de pós graduação *lato e stricto sensu*. No levantamento realizado para a pesquisa, além de vários egressos que já concluíram cursos diversos tipos de cursos de especialização, encontrou-se também 03 (três) mestres, 09 mestrandos e uma doutoranda, o que é muito significativo para um curso relativamente novo, como esse do campus de Abaetetuba. A seguir, apresentar-se-á um quadro com o nome desses egressos;



ano de ingresso na Licenciatura da Educação do Campo; Programa de Pós Graduação no qual ingressou, e os temas de suas pesquisas.

Quadro de Egressos da Licenciatura em Educação do Campo de Abaetetuba na Pós-Graduação stricto sensu

EGRESSOS MESTRES nº 03			
01	Nome: Dadiberto Pereira Azevedo	Turma: 2012	Programa: PPG-CDS/UnB
Tema: A construção social do mercado de Açaí para fortalecer a gestão territorial na ilha do capim, no município de Abaetetuba no estado do Pará. Ano 2019			
02	Nome: Gerlane da Silva Ferreira	Turma: 2012	Programa: PPGEICIT/UFPA
Tema: Memória Social e Resistência : a construção do Plano Popular de Desenvolvimento Sustentável da Região a jusante da Usina Hidrelétrica de Tucuruí (PPDS-jus). Ano 2019.			
03	Nome: Laércio Farias da Costa	Turma: 2012	Programa: PPGEDUC/UFPA
Tema: Saberes tradicionais, memória e cultura: análise das práticas culturais da Comunidade Quilombola do Itacuruçá (Abaetetuba/Pará) Ano 2019			
EGRESSA DOUTORANDA nº 01			
01	Nome: Gerlane da Silva Ferreira	Turma: 2012	Programa: PPGSA/UFPA
Tema: As (re) Configurações Territorial e Identitária: análise dos atingidos a partir do plano popular de desenvolvimento sustentável da região a jusante da Usina Hidrelétrica de Tucuruí			
EGRESSOS MESTRANDOS nº 09			
01	Nome: Edineuza Pantoja Moraes	Turma: 2011	Programa: PPGEICIT
Tema: Agricultura Familiar no Mercado de Alimentação Escolar (PNAE) no município de Igarepé.			
02	Nome: Paulo Emil Rodrigues Chaves	Turma: 2011	Programa: PPGEICIT
Tema: Faces e interfaces do gênero: Imaginário social e poder em um território de Educação do Campo na Amazônia			
03	Nome: Antônia Correa Novaes	Turma: 2012	Programa: PPGCIT
Tema: Política Pública de Nucleação voltada para as Escolas do Campo no município de Abaetetuba-Pa: uso intensivo de transporte escolar			
04	Nome: Marília dos Santos Fernandes	Turma: 2012	Programa: PPGEICIT
Tema: Dragão de Ferro e a eminente chegada da ferrovia.			
05	Nome: Benedito de Brito Almeida	Turma: 2013	Programa: PPGEICIT
Tema: O aumento da produção do açaí (<i>euterpe oleraceae</i> mart.) e as alterações socioambientais na várzea de Igarapé Miri/PA			
06	Nome: Samara de Souza Machado	Turma: 2013	Programa: PPGEICIT
Tema mestrado: Agrobiodiversidade dos quintais agroflorestais da região do Vale do Acará: Estudo de caso da comunidade quilombola do Cravo, Concórdia do Pará – PA			
07	Nome: Rafael de Jesus Correa Quaresma	Turma: 2014	Programa: PPGEICIT

Tema: Educação Ambiental para as comunidades Ribeirinhas: entre a política ambiental e as interações socioambientais na comunidade do Baixo Tucumanduba, Abaetetuba-Pa			
08	Nome: Janete Rodrigues Botelho	Turma: 2013	Programa: PPGCIT
Tema: Caracterização do sistema de produção do açaí: monocultura versus extrativismo.			
09	Nome: Gracilene Ferreira Pantoja	Turma: 2014	Programa: PPGEICIT
Tema: Análise e Implementação de Políticas Vinculadas à epidemiologia em comunidades ribeirinhas do município de Igarapé-Miri, Pará.			

Fonte: Pesquisa de campo. Elaboração do Autor

O quadro em tela mostra que os egressos estão pesquisando as questões que envolvem os seus territórios, o que denota o entendimento de que sua formação foi pautada na realidade do envolvimento com a comunidade, algo já visto nas três dimensões da Licenciatura e que se reverbera na produção do conhecimento.

Os temas abordados estão diretamente ligados aos conflitos que os sujeitos do campo, das águas e da floresta têm vivenciado na Amazônia. Essa produção do conhecimento que está em curso a partir dos egressos da Licenciatura em Educação do Campo denota a concepção de educação que essa licenciatura vem tecendo para os sujeitos do campo e ribeirinhos.

A produção do conhecimento na Educação do Campo [...] vincula-se à compreensão de que o conhecimento científico também é um produto histórico e social inserido na sociedade capitalista contemporânea e marcado pelos intensos conflitos nela presente. Essa concepção educativa materializa-se pela luta de classes no campo brasileiro, colocando-se como parte e ao lado do polo do trabalho, assumindo e defendendo a educação como um direito a um bem público e social (MOLINA; ANTUNES-ROCHA; MARTINS, 2019, p. 05).

O conhecimento que os egressos da Licenciatura em Educação do Campo de Abaetetuba estão produzindo reflete esse posicionamento do lado da classe trabalhadora e dos seus territórios. De fato, isso é perceptível quando se identifica pesquisas voltadas à questão do avanço do capital sobre a Amazônia. Há 03 (três) estudos ligados à questão da monocultura do açaí, que tem gerado contradições nas comunidades ribeirinhas, pois ao mesmo tempo que gera trabalho (na perspectiva capitalista), gera a destruição da floresta,



dificultando o próprio extrativismo do fruto. Há, ainda, uma pesquisa sobre o projeto da estrada de ferro que irá ligar Marabá a Barcarena para escoar a produção do agronegócio, dos minerais e do setor florestal.

Ainda sobre os impactos ambientais, o trabalho de mestrado da egressa Gerlane da Silva Ferreira, em continuidade no doutorado, chama atenção por dar voz aos sujeitos atingidos. Assim, nota-se nessa e outras pesquisas que existe uma coerência desses pesquisadores com o próprio objeto de estudo, buscando um aprofundamento na questão.

Sobre Educação Ambiental, vimos uma pesquisa envolvendo comunidades ribeirinhas e 02 (duas) envolvendo as comunidades quilombolas. Sobre Educação do Campo são duas pesquisas, uma que envolve a questão de gênero e outra o problema da nucleação escolar. No que tange à agricultura, há uma pesquisa que faz um estudo sobre agricultura familiar no mercado de alimento escolar no contexto do Programa Nacional de Alimentação Escolar (PNAE).

Algo que chama atenção nessa produção é o fato de que a origem da formação desses egressos é em uma Licenciatura, no entanto, somente 05 (cinco) pesquisas abordam temas de educação e no âmbito de suas políticas. Essa realidade pode ter uma interferência da área de conhecimento em que eles são formados, que é Ciências da Natureza, e no conjunto das disciplinas que compõe o currículo pode ter havido uma ênfase maior na perspectiva de questões não ligadas às práticas da docência. Ou, ainda, pode ter interferência da linha de pesquisa adotada pelo próprio Programa de Pós-Graduação, onde a maioria dos egressos tem seus projetos de pesquisa aprovados.

No entanto, o conjunto de temáticas das pesquisas mostra o quanto o campo e o território ribeirinho estão em disputa pelo capital e como isso gera inúmeros conflitos, enquanto, por outro lado, está aumentando a resistência dos povos desses territórios. E nesse contexto pode-se incluir como resistência a própria formação desses intelectuais orgânicos (Gramsci, 1995) aos territórios do campo.

Diante do exposto, a produção do conhecimento desses intelectuais busca desvelar, colocar em evidência os conflitos, as contradições de um



sistema econômico que apesar da crise anunciada por vários estudiosos, avança sobre a Amazônia como uma das últimas trincheira que poderá salvá-lo.

Considerações finais

Os educadores formados pela Licenciatura em Educação do Campo quando estão na docência buscam respeitar os saberes da comunidade e desenvolver o processo ensino-aprendizagem numa perspectiva contextualizada, apresentando sua particularidade numa totalidade do conhecimento historicamente construído. Isso corrobora a atribuição de significado às vidas dos estudantes, os quais passam por um processo emancipatório mediante o qual tornam-se protagonistas de sua aprendizagem e produtores de outros conhecimentos.

Na gestão dos processos educativos, esse educador tem elementos teóricos necessários para suscitar na comunidade escolar o entendimento de que a escola destinada à classe trabalhadora não responde as suas necessidades e que deve ser transformada na sua forma e conteúdo. Para tanto, ela tem que estar em um constante diálogo com a comunidade e os movimentos sociais ou não conseguirá responder às necessidades materiais próprias daqueles estudantes.

A partir do acompanhamento da inserção dos egressos na gestão dos processos comunitários, foi possível perceber o quanto suas ações deles têm fortalecido a organização comunitária e a formação da identidade das populações ribeirinhas, elementos necessários para o enfrentamento dos projetos capitalistas que avançam sobre seus territórios.

Para formar os educadores nessas três dimensões, a Licenciatura em Educação do Campo, tem buscado um denso aporte teórico, que tem repercutido no preparo dos egressos para entrar na Pós Graduação buscando constituir-se enquanto pesquisadores e intelectuais comprometidos com seu território.

Diante do exposto, entende-se que o Curso de Licenciatura em Educação do Campo de Abaetetuba, na contradição inerente ao movimento da realidade e mediado por uma práxis emancipatória, tem formado educadores que, pela prática pedagógica, produção do conhecimento e engajamento em lutas sociais,

está contribuindo para os processos de resistência ao avanço do capital na Amazônia tocantina.

Referências

BITTENCOURT. Brito; Márcia Márcia. **Formação de professores na perspectiva da Epistemologia da Práxis**: análise da atuação dos egressos do curso de Licenciatura em Educação do Campo da Universidade de Brasília. 2017. 348 f. Tese (Doutorado em Educação) — Universidade de Brasília, Brasília, 2017.

383

CALDART, Roseli Salete. Caminhos para a transformação da escola. *In*: CALDART, Roseli Salete; STEDILE, Miguel Enrique; DAROS, Diana (org.). **Caminhos para a Transformação da Escola**: agricultura camponesa, educação politécnica e escolas do campo. São Paulo: Expressão Popular, 2015. p. 115-138.

CALDART, Roseli Salete. Concepção de Educação do Campo: um guia de estudo. *In*: MOLINA, Mônica Castagna; MARTINS, Maria de Fátima Almeida (Orgs.). **FORMAÇÃO DE FORMADORES** – Reflexões as experiências da Licenciatura em Educação do Campo no Brasil. 1ª ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2019.

CALDART, Roseli Salete. Licenciatura em Educação do Campo e projeto formativo: qual o lugar da docência por área? *In*: MOLINA, Mônica Castagna; SÁ, Laís Mourão (orgs.). **Licenciaturas em Educação do Campo** - Registros e reflexões a partir das experiências-piloto (UFMG, UnB, UFBA e UFS). Belo Horizonte: Autêntica, 2011. p.95-122.

CALDART, Roseli Salete. Licenciatura em Educação do campo e projeto formativo: qual o lugar da docência por área? *In*: CALDART, Roseli. Salete; FETZNER, Andréa Rosana; FREITAS, Luis Carlos de.; RODRIGUES, Romir. (orgs.). **Caminhos para transformação da escola**: reflexões desde práticas da Licenciatura em Educação do Campo. São Paulo: Expressão Popular, v.1, p. 248, 2010.

CARDOSO, Irene Maria. A questão agrária, agroecologia e soberania alimentar. *In*: MOLINA, Mônica Castagna; MARTINS, Maria de Fátima Almeida (Orgs.). **FORMAÇÃO DE FORMADORES** – Reflexões as experiências da Licenciatura em Educação do Campo no Brasil. 1ª ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2019.

CARGIL AGRICOLA; AMBIENTARE SOLUÇÕES EM MEIO AMBIENTE. **Relatório de Impacto ambiental – RIMA**. Terminal Portuário de Uso Privado - TUP Abaetetuba. 2017. Disponível em: http://www.sema.pa.gov.br/wpcontent/uploads/2018/02/RIMA_TUP_Abaetetuba.pdf. Acesso em: 20 fev. 2018.



COSME, Claudemir Martins. Crítica à transformação capitalista da água em mercadoria: águas para a vida, não para a morte. In: COMISSÃO PASTORAL DA TERRA. **Conflitos no Campo – Brasil 2016**. Goiânia: CPT Nacional – Brasil, 2017. p. 121- 132.

DOS SANTOS, Jenijunio. **LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO DO CAMPO E TERRITÓRIO RIBEIRINHO**: desafios e potencialidades na formação de educadores para a resistência na Amazônia.2020. 238 f. Tese (Doutorado em Educação) — Universidade de Brasília, Brasília, 2020.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia**: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 2011

FREITAS, Luís Carlos. **Crítica da organização do trabalho pedagógico e da didática**. Campinas/SP: Papyrus, 1995.

MAB AMAZÔNIA. **Ribeirinhos do Tapajós criam protocolo de consulta contra obras que afetam comunidades**. Disponível em: <http://www.mabnacional.org.br/noticia/ribeirinhos-dotapaj-s-criam-protocolo-consulta-contra-obras-que-afetam-comunidades>. Acesso em: 09 mar. 2018.

MICHELOTTI, Fernando. **Territórios de produção agromineral**: relações de poder e novos impasses na luta pela terra no sudeste paraense / Fernando Michelotti. -- Rio de Janeiro, 2019. 388 f. Tese (Doutorado) - Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2019.

MOLINA, Mônica Castagna. Licenciatura em Educação do Campo da Universidade de Brasília: Estratégias Político-Pedagógicas na Formação de Educadores do Campo. In: MOLINA, Mônica Castagna; SÁ, Laís Mourão. (orgs.). **Licenciaturas em Educação do Campo – registros e reflexões a partir das experiências – piloto**. Belo Horizonte: Autêntica, 2011. p. 35-61.

MOLINA, Mônica Castagna; ANTUNES-ROCHA, Maria Isabel; MARTINS, Maria de Fátima Almeida. **A produção do conhecimento na licenciatura em Educação do Campo**: desafios e possibilidades para o fortalecimento da educação do campo. Dossiê. Revista Brasileira de Educação v. 24. Rio de Janeiro, 2019.

MOLINA, Mônica Castagna; SÁ, Laís Mourão. Licenciatura em Educação do Campo. In: CALDART, R. S. et al.(Orgs.). **Dicionário da Educação do Campo**. Rio de Janeiro: Escola politécnica de saúde Joaquim Venâncio, Expressão Popular, 2012. p. 466-472.

MONTAÑO, Carlos; DURIGUETTO, Maria Lúcia. **Estado, Classe e Movimento Social**. 3. ed. (Biblioteca Básica do Serviço Social; v.5). São Paulo: Cortez, 2011.

NEVES, Delma Pessanha. Os ribeirinhos-agricultores de várzea: formas de enquadramento institucional. Novos Cadernos NAEA, v. 12, n. 1. Jun. 2009 – Belém: Núcleo de Altos Estudos Amazônicos/UFP, 2009. ISSN 1516-6481. p. 71- 96.



OLIVEIRA, Ariovaldo Umbelino. **A mundialização da agricultura brasileira**. XII Colóquio Internacional de Geocrítica. Bogotá. Actas. Barcelona: *Geocrítica*, 2012. V.1, p. 1-15. Disponível em: <http://www.ub.edu/geocrit/coloquio2012/actas/14-A-Oliveira.pdf>. Acesso em 10.dez,2002.

Sobre os Autores

385

Jenijunio Dos Santos

jenijunio@hotmail.com

Doutor em educação pela Universidade de Brasília (UnB). Coordenador Pedagógico na Rede municipal de educação de Belém e professor no curso de formação de professores do Centro Universitário Fibra (Belém).

Mônica Castagna Molina

mcastagnamolina@gmail.com

Doutora em desenvolvimento sustentável pela Universidade de Brasília (UnB) e pós- doutorado em Educação (Unicamp) Professora Associada da UnB, da Licenciatura em Educação do Campo, Programa de Pós-Graduação em Educação - PPGE e do Programa de Pós-Graduação em Meio Ambiente e Desenvolvimento Rural – PPG-Mader.

